



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JOSÉ RAFAEL FELISBERTO DA SILVA**

**ENTRE A ÉTICA E A MORAL: REFLEXÕES SOBRE A MADONA DE CEDRO DE  
ANTONIO CALLADO**

**GUARABIRA - PB  
2017**

**JOSÉ RAFAEL FELISBERTO DA SILVA**

**ENTRE A ÉTICA E A MORAL: REFLEXÕES SOBRE A MADONA DE CEDRO DE  
ANTONIO CALLADO**

Artigo apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como exigência para obtenção do título de graduado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa.

**GUARABIRA - PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S586e Silva, José Rafael Felisberto da.  
ENTRE A ÉTICA E A MORAL: [manuscrito] : reflexões sobre a Madona de Cedro de Antonio Callado. / Jose Rafael Felisberto da Silva. - 2017  
27 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Valores morais-éticos. 2. Literatura. 3. Catolicismo.

21. ed. CDD 170

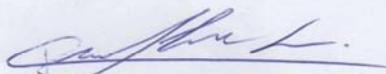
JOSÉ RAFAEL FELISBERTO DA SILVA

ENTRE A ÉTICA E A MORAL: REFLEXÕES SOBRE A MADONA DE CEDRO DE  
ANTONIO CALLADO

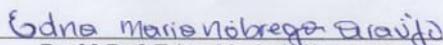
Artigo apresentado ao Departamento de  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, Campus III, como exigência para  
obtenção do título de graduado em  
História.

Aprovada em: 14/11/2017.

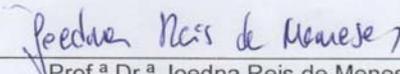
BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joedna Reis de Meneses  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pelo imenso amor diário,  
DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, criador do mundo. Aos meus pais, Severino e Socorro, por sempre estarem presentes na minha vida e me incentivarem nos estudos. Eles são a minha fortaleza: orientam-me, me guiam e me compreendem. Aos meus irmãos, João, Leia e Shamara, por compartilharem da sua amizade e de suas múltiplas experiências diárias comigo. Aos professores que me ensinaram, no ensino superior, médio e fundamental, pela troca de aprendizagens e conhecimentos. Aos meus colegas da turma 2013.1 e aos companheiros universitários que fizeram o trajeto Serra de São Bento – RN/ Guarabira – PB, durante os cinco anos que estive na universidade. À minha orientadora, Susel Oliveira da Rosa, pelas orientações e ajudas na elaboração deste trabalho. Agradeço a todos.

Sede perfeitos, como vosso pai é perfeito.

(Jesus Cristo)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 A NARRATIVA CALLADIANA NO CONTEXTO MODERNISTA</b> .....	9
<b>3 MORAL E ÉTICA COMO CENTRO DE DISCUSSÕES</b> .....	14
3.1 Enredo e características transgressoras dos personagens .....	14
3.2 Entre a ética e a moral .....	16
<b>4 OS VALORES CRISTÃOS COMO INTERCESSORES SOCIAIS</b> .....	21
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	24
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	26

## ENTRE A ÉTICA E A MORAL: REFLEXÕES SOBRE A MADONA DE CEDRO DE ANTONIO CALLADO

José Rafael Felisberto da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

A moral constitui um conjunto de regras e ações que são estabelecidas no meio comunitário, que visam fazer um julgamento sobre as atitudes de cada indivíduo. Por sua vez, a ética é uma opção interna feita pelo ser humano, que o faz refletir sobre como seguir a sua vida de acordo com os princípios sociais. O presente artigo tem como objetivo analisar como os valores morais e éticos estão inseridos no livro “A Madona de Cedro” de Antonio Callado, onde os atores principais deste romance costumam transgredir os ensinamentos que são transmitidos pelo catolicismo. A partir da observação dos aspectos psicológicos de alguns personagens, identificamos que após realizarem suas ações cotidianas, eles passaram a fazer um exame de consciência que os levaram a ter diversos sentimentos negativos. Percebemos com a análise, que as violações aos preceitos religiosos católicos causavam tormentos sobre o juízo dos seres fictícios criados por Callado. Isso ocorria, porque a sensação de culpa interioriza dentro do ser humano, no momento em que ele é exposto ao medo da inferiorização e da exposição.

**Palavras-Chave:** Valores morais-éticos. Literatura. Catolicismo.

### 1 INTRODUÇÃO

O meu interesse pela moral e a ética começou a se desenvolver a alguns anos atrás, quando tive inúmeros diálogos com a minha irmã mais velha, que na época trabalhava em projetos de pesquisa sobre esses assuntos na sua pós-graduação. Já o gosto pela literatura é mais recente, a pouco menos de um ano, tive contato com a professora Elisa Mariana, que pelos seus diversos trabalhos, me estimulou às leituras nesta área.

Nascido em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte, em uma família aguçadamente cristã, fui desde a tenra infância regado por normas impostas pelo catolicismo. Havia todo um conjunto de regras determinadas por Deus e que me eram repassadas pela Igreja, mas, ao final de tudo, só cabia a mim a decisão de

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

querer segui-las ou não. Meses antes de começar a escrever este trabalho, me deparei com o livro “A Madona de Cedro” do escritor Antonio Callado<sup>2</sup> em uma caixa perto da minha cabeceira. Nunca o tinha lido. No entanto, me veio o súbito interesse de lê-lo.

A cada página degustada, pude constatar os dilemas éticos e morais vividos pelos personagens desta obra, que de alguma forma se relacionam com os problemas sociais apresentados pelas sociedades católicas do mundo contemporâneo. Neste momento, compreendi o quanto a ficção e o real andavam lado a lado.

O romance “A Madona de Cedro” é uma obra ficcional, considerada uma das mais populares e renomadas produções do romancista Antonio Callado. Inicialmente publicada em 1957, a sua narrativa se desenvolve ao redor do roubo da imagem de uma santa na cidade histórica de Congonhas do Campo, localizada no sertão mineiro. Em seu enredo, há um exame minucioso sobre as condutas dos personagens que vão aparecendo no desenrolar da história. Costumeiramente, a maioria deles sofre com os erros que praticaram em sua vida adulta.

A escolha pelo objeto de estudo em questão se deu a partir da observação dos aspectos éticos e morais que cercam o livro. A temática religiosa está presente nesta obra, envolvendo as crenças locais e a corrupção humana com a finalidade de se obter vantagens. O autor não só faz um encadeamento lógico dos fatos, mas incorpora situações do mundo exterior, agrupando em seu enredo personagens e objetos que existem no mundo real, como o artista Aleijadinho e suas obras de arte (GRASSI, 2012).

A problemática surgiu como uma forma de investigar nessa obra literária as contínuas transgressões aos valores morais e éticos, em especial, aos “bons costumes do cristianismo”, contra a sociedade representada no livro. Callado (2006, p.40) relata que, “Delfino Montiel durante todo o tempo da conversa se dissera as piores coisas, chamara-se todos os nomes, perguntara-se como um homem honesto podia de súbito aceitar a incumbência de um roubo [...]”. Através da análise dos aspectos psicológicos dos atores dessa trama, percebe-se que normalmente, eles

---

<sup>2</sup> Romancista, jornalista, biógrafo e dramaturgo brasileiro. Foi o quarto ocupante da cadeira 8 da Academia Brasileira de Letras. Seus principais romances foram: A Madona de Cedro (1957), Quarup (1967) e Bar Don Juan (1971).

burlam os espaços orientadores e normativos designados a cada indivíduo dentro do grupo social cristão onde estavam inseridos.

Depois de realizarem suas ações cotidianas, muitos dos personagens passam a fazer um exame de consciência moral que os levam a ter diversos sentimentos: a culpa, o remorso e o arrependimento. Acabam por se voltar contra si mesmos, colocando-se em crise existencial. Chauí (2000, p.389) afirma que:

Nas religiões da interioridade, como é o caso do cristianismo, a falta ou pecado é uma ação interna invisível (mesmo que resulte num ato externo visível), causada por uma vontade má – nesse caso, a falta é um crime – ou por um entendimento equivocado – nesse caso, a falta é um erro. É uma transgressão experimentada na forma de culpa, exigindo expiação.

Neste sentido, sempre há essa perspectiva de violação das regras da sociedade, que acabam sendo evidenciadas nessa narrativa de ficção.

Este trabalho traz importantes ideias discutidas por diferentes estudiosos, das quais destacamos: a ética, a moral e a literatura. Assim, visamos complementar as análises anteriormente realizadas nestas áreas. Deste modo, procuramos fazer um elo entre esses três conceitos, com o propósito de evidenciar a ocorrência de diálogos entre eles dentro do nosso campo de estudos.

Esta pesquisa apresenta relevância por tratar do estudo da literatura envolvida na moral e ética. A compreensão sobre esses termos se torna imprescindível para o entendimento da conjuntura dessa temática. Como expõe Klinger (2014, p.32), “[...] com frequência, os termos moral e ética são usados como sinônimos, referindo-se ambos a um conjunto de regras de condutas consideradas como obrigatórias”. Porém, eles apresentam sim diferenças conceituais.

Antes de tudo, é necessário termos um entendimento da realidade da época literária em que foi escrita esta obra ficcionista, para podermos entender o pensamento do autor que a escreveu e suas características.

## **2 A NARRATIVA CALLADIANA NO CONTEXTO MODERNISTA**

A década de 1920 no Brasil ficou marcada por uma efervescência de acontecimentos políticos e culturais, que representariam uma fase de transição no país, tendo como o ano mais emblemático 1922.

Nele se comemorava o centenário de Independência brasileira em relação a sua antiga metrópole Portugal, teve a criação do Centro Dom Vital e do Partido Comunista, estava em curso o movimento tenentista e a política nacional era agitada pela campanha de sucessão presidencial. Ademais, ocorreu a Semana de Arte Moderna que contou com diversas participações ilustres. Analisando o ocorrido, Bosi (1997, p.378) discorre sobre os acontecimentos:

Eis como o mais abalizado historiador da Semana de Arte Moderna narra os seus episódios centrais: Finalmente, a 29 de janeiro de 1922, O Estado de São Paulo noticiava: "Por iniciativa do festejado escritor, sr. Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, haverá em S. Paulo uma "Semana de Arte Moderna", em que tomarão parte os artistas que, em nosso meio, representam as mais modernas correntes artísticas".

A Semana de Arte Moderna de 1922 é considerada o marco inicial do movimento modernista brasileiro, ela trouxe ideias estéticas diferentes em comparação as últimas correntes literárias que se encontravam desgastadas. Houve uma ruptura com as tendências tradicionais, onde passaram a focar com maior densidade o contexto nacional, mesmo que no início estivessem entrelaçadas aos interesses do modernismo europeu. Candido (1999) fala que o Modernismo surgiu dos anseios internos do país e do exemplo vindo da Europa, como as vanguardas italianas e francesas, que mostravam uma sociedade mecanizada e seguindo o compasso das grandes cidades. Na prática, isso naquele Brasil era algo que estava se concretizando.

A literatura do século XX foi marcada pelo surgimento de várias escolas literárias, a qual ganhou um maior destaque a Modernista. Bosi (1997, p.372) analisa a estrutura desse período, "[...] entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou uma crítica global às estruturas das velhas gerações [...]". Neste instante, os escritores nacionais passaram a focar grandes aspectos históricos e sociais do país, como também houve um esforço maior para adentrar mais fundo na realidade brasileira.

É importante salientar, que esse movimento veio a ganhar uma maior expressão durante as décadas seguintes, em que houve uma expansão e uma renovação da temática modernista. Em relação a isso, Candido (1999, p.79) aborda os fatos:

Do ponto de vista da história do gosto, os anos de 1930 e 1940 se caracterizam pela aceitação crescente das obras e do espírito modernista, que passam a fazer parte da cultura e a dar cada vez mais o tom. Ao seu lado, agem outras tendências renovadoras, como o regionalismo crítico do Nordeste, que, sem derivar do Modernismo, lucrou com a sua luta pela liberdade de expressão e teve o campo livre para se difundir. Se os anos de 1920 foram de luta modernista, os de 1930 e 1940 foram de modernização geral, em sentido lato, desde as ciências até às artes, passando pelo ensino.

O Modernismo se tornou uma expressão mais real do pensamento e das artes no Brasil, pois é “na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-1940), fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social [...]” (CANDIDO, 2006 p.132). Buscava-se mostrar o que havia no país, sua diversidade de povos e concepções.

Esta época literária se destacou no Rio de Janeiro e em São Paulo, teve uma profunda duração em Minas Gerais e ganhou contornos polêmicos no Nordeste. Nas demais regiões brasileiras, não chegou a ter uma repercussão com o mesmo interesse e densidade. Em alusão aos anos posteriores, podemos afirmar que “A data simbólica de 1930 assinala uma etapa relevante e marco de início de outros rumos, sobretudo na prosa. A renovação passa a ser menos um movimento do que uma transformação destinada a predominar no estilo da literatura brasileira.” (CANDIDO; CASTELO, 2001, p.20). Após essa data, o modernismo se expandiu de vez e tornou padrão as suas vertentes.

A partir deste momento, começaram a representar os contextos locais do país, como também as novas estruturas sociopolíticas. Havia-se uma tentativa de derrocar as antigas doutrinas. Como explica Candido (2006), após este período, os escritores começaram a enfocar os aspectos regionalistas, folclóricos, libertinos e populistas. Havia uma forte preocupação em não seguir as correntes literárias anteriores.

Passaram a buscar as virtudes da cultura popular brasileira. Temáticas importantes que reforçavam a identidade e o senso histórico do país viraram objeto de investigação e foram postas nas múltiplas narrativas daqueles escritores. Desta maneira, Bosi (1997, p.434) relata:

[...] simultaneamente, o gosto da arte regional e popular, fenômeno paralelo a certas ideias-força dos românticos e dos modernistas que,

no afã de redescobrirem o Brasil, também se haviam dado à pesquisa e ao tratamento estético do folclore; agora, porém, graças ao novo contexto sociopolítico, reserva-se toda atenção ao potencial revolucionário da cultura popular.

Sendo assim, diversas obras foram publicadas narrando os aspectos regionalistas do país, das quais ganharam maior ênfase as nordestinas e as do centro-oeste. O cenário mineiro-goiano é descrito por inúmeros escritores, como: Mário Palmério, com seus livros “Vila dos Confins” e “Chapadão do Bugre”, e Bernardo Elis que escreveu “O Tronco” e “Veranico de Janeiro”. Vale ressaltar que, “[...] mineira é a ambientação de A Madona de Cedro (1957), obra de Antonio Callado, que conta um caso de expiação religiosa passado em Congonhas do Campo.” (BOSI, 1997).

Antonio Callado, entrevistado por Eva Pereira (1993), fala que a literatura modernista deu bons frutos, que gosta deste estilo literário porque ele trouxe inovações e características diferentes. Ele ainda relata que engloba em seus escritos, aspectos da cultura popular que estão relacionados com as suas experiências. Observamos que a sua literatura ficcionista perpassa os acontecimentos, mostrando a diversidade, de forma crítica e autocrítica do povo brasileiro. Seus romances trazem, em uma linguagem simples e de fácil entendimento, como é complexa a vida e a literatura.

Em seus relatos, Callado está ligado à realidade nacional, onde são questionados e descritos variados temas do dia a dia brasileiro. A sua linguagem ficcional incorpora artisticamente diversos discursos. É de se compreender que a narrativa de ficção se lança nas atividades humanas e detém vários aspectos do cotidiano e conseqüentemente da conjuntura sociocultural. Nesta perspectiva, ele recorre aos símbolos e ao imaginário que lhe dão um diferencial único em seus romances (FANINI, 2013).

Uma de suas grandes obras foi o romance “A Madona de Cedro” (1957), que trás em seu enredo aspectos do romance urbano, onde são retratados os comportamentos, os interesses e criticados os costumes da sociedade da época. Os personagens principais sempre estão à procura de superar os obstáculos impostos em suas vidas para viverem felizes. Diversas questões do sertão mineiro da época são levantadas, como aborda Coutinho (2002, p.300):

Pode-se afirmar que, excluída a linha novelística psicológica, toda a ficção brasileira é de fundo regionalista ou regional, num sentido amplo, quer na base de áreas rurais e camponesas, manipulando deliberadamente os tipismos locais, quer na fixação de cenários urbanos, de subúrbios ou pequenas cidades.

Antonio Callado enfoca constantemente neste livro, peculiaridades do cenário local da pequena cidade de Congonhas do campo – MG. Normalmente, é comum os elementos antagônicos aos personagens desta trama serem lembrados, sempre havendo um realce sobre os problemas que lhes são opostos. Callado usa dos mais variados discursos para captar a atenção do leitor. Ele pega acontecimentos que ocorrem na vida real e insere de certa forma o leitor na sua narrativa. Grassi (2012, p.55) lembra bem disso:

São fatos históricos também os roubos de obras de arte em cidades de Minas Gerais. O IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico – elaborou documento<sup>1</sup> no qual constam todas as obras de arte subtraídas de 78 cidades do Estado de Minas Gerais, que totalizam cerca de 530 peças. O referido Instituto esclarece que, na grande maioria das vezes, as peças são furtadas para serem repassadas a colecionadores particulares, tal como narra Callado em *A Madona de Cedro*.

Nesta obra, vemos que há experiências de monólogos interiores, em que os personagens exercitam inúmeras reflexões sobre suas atitudes rotineiras. Observa Martinelli (2006 apud GRASSI, 2012, p. 51), que os heróis criados por Callado “sempre experimentam formas de crescimento, de amadurecimento, de autoconhecimento e tomadas de consciência histórica e social”. Neste processo, que envolve diversas tentativas de corrigir os erros cometidos no passado, o personagem principal Delfino, ganhará características messiânicas em determinados momentos da história.

No desenrolar dessa narrativa, ela incorpora características apresentadas nos romances policiais. Por exemplo, temos um sujeito infrator, Delfino, e um sujeito investigativo, Sacristão. O enredo está dinamizado por uma sucessão de fatos, aonde as mentiras sempre vão sendo desmascaradas e as verdades são reveladas no decorrer do tempo. Os atos bons são recompensados, mas os atos maus são dignos de castigos.

Segundo Massi (2013, p.34), “as performances do detetive e do criminoso devem se realizar efetivamente nos romances policiais para que esses sujeitos cumpram seu papel na narrativa”. Isso implica dizer que o personagem principal

dessa obra (Delfino Montiel), realmente realizou seu crime para se firmar na condição do criminoso da história e o Sacristão sempre esteve a lhe investigar, mesmo que bem secretamente.

### **3 MORAL E ÉTICA COMO CENTRO DE DISCUSSÕES**

#### **3.1 Enredo e características transgressoras dos personagens**

O livro “A Madona de Cedro” conta a história de um roubo de imagens sacras que ocorreu no interior de Minas Gerais, mais especificadamente nas cidades de Ouro Preto, Mariana e Congonhas do Campo. Centrada na figura de Delfino Montiel, autor de um dos roubos, a trama se dinamiza em um fluxo temporal, em que fatos que ocorreram durante uma Semana Santa são constantemente lembrados.

Esta época do ano causava em Delfino Montiel uma dualidade de espírito: de um lado, era carregado de enorme prazer, pois sempre lembrava o momento em que conhecera a sua amada; do outro, trazia a tona um sentimento de penitência e vergonha pelo que fizera anos atrás. Sempre que o Sábado de Aleluia chegava e as imagens na Igreja eram descobertas de seus panos roxos, magníficas em seu esplendor, passava-se um filme em sua cabeça dos atos que praticara em um passado não tão distante.

Quando jovem, os ganhos de Delfino Montiel nunca foram grande coisa. Ele era apenas o dono de uma lojinha que vendia objetos em pedra-sabão, copos, jarros, cinzeiros e castiçais em Congonhas do Campo - MG. Um dia, recebeu uma visita de seu amigo de infância Adriano Mourão, que o convidou há passar um mês em sua casa no Rio de Janeiro. Foi lá que encontrou a sua amada Marta, com quem noivou. Em pouco tempo, deixou tudo certo com os seus pais, que só se casaria com ela no instante que tivesse o dinheiro suficiente para comprar uma casa para os dois morarem juntos. Logo, retornou a sua cidade.

Passaram-se os meses, mas os seus negócios não rendiam o esperado. Inesperadamente, Adriano Mourão reaparece e lhe propõe que o ajude em umas tarefas para o seu patrão Juca Vilanova. Queria roubar a imagem de Nossa Senhora da Conceição e tirar umas fotos da estátua de Judas Iscariotes para a coleção particular de obras públicas que o seu chefe misterioso mantinha em sua posse. Em troca, receberia uma gratificação de cinquenta contos, o que seria o suficiente para

completar o que faltava para se casar com a sua amada. Após breves hesitações, concordou e realizou o plano.

No entanto, passado mais de uma década, já casado e com filhos, a sua esposa resolveu remexer no passado. Ela começou a buscar os propósitos do seu marido ter deixado de comungar e fazer as suas confissões ao padre desde quando se casaram. Mal sabia Delfino que o seu segredo estava perto de ser revelado. Em especial, a partir do momento em que Pedro Sacristão conseguiu ligar os fatos dos acontecimentos anteriores e ficou a um passo de denunciá-lo à sociedade de Congonhas e estragar a sua honrosa reputação.

Diante das ameaças do Sacristão, Delfino pensa em contar tudo ao Padre Estêvão. Este daria um jeito de apaziguar aquele homem e no máximo lhe daria uma penitência. Por causa de algumas eventualidades, ele acabou adiando a sua confissão, até que seu Juca Vilanova fez um novo pedido. Queria um novo roubo de Delfino. Em contrapartida, devolveria a imagem de Nossa Senhora da Conceição e o recompensaria com duzentos e cinquenta contos, se conseguisse a estátua de Judas Iscariotes. Aquela, a qual ele havia pedido fotografias tempos atrás.

Após facilitarem o seu caminho e várias ameaças, Delfino aceitou realizar esse ato. Mas no Sábado de Aleluia, na casualidade do destino, quando tentou restituir primeiro a imagem que roubara na primeira vez, acabou trancafiado na Igreja. Para não ser descoberto, acabou trocando de lugar com a estátua do Senhor Morto que estava no esquife. Esta, justamente, seria e foi levada em procissão pelas ruas de Congonhas.

No único momento que encontrou brechas para sair sem ser avistado, acabou sendo visto por uma senhora que faleceu naquele instante ao pensar que vira o próprio senhor vivo. Cometendo mais um pecado, decidiu de vez se confessar com o padre. Este vendo que os pecados daquele homem eram grandes demais, o impôs a penitência de carregar a cruz de Feliciano Mendes pelas escadarias de Congonhas.

Cabe aqui ressaltar que todos os personagens que aparecem ao longo da narrativa, se apresentam cometendo erros, faltas e transgressões (mesmo que em segredo), contra os preceitos da sociedade católica daquela época:

- Delfino Montiel – em troca de dinheiro mentiu para um padre, roubou a imagem de uma santa, foi omissivo para a sua mulher e não se recusou a

realizar um novo roubo (apesar de que para esta última ação, tenha agido de maneira forçada);

- Padre Estêvão - não possuía fé, namorou umas mulheres às escondidas (apesar de já usar a batina) e era indiferente à morte, já que não tinha realizado o seu sonho de catequizar os indígenas nas florestas amazônicas;
- Pedro Sacristão: tentava transparecer ser um bom moço, porém tolerava poucas pessoas. Odiava Delfino Montiel e cobiçava a sua mulher. Ele chegou a deflorar Lola Boba, a fez abortar algumas vezes e a matou no final (caso que tentou manter sob sigilo);
- Juca Vilanova – era o mandante de vários roubos e gostava de chantagear as pessoas;
- D. Emereciana: imaginava que todos os homens eram brutos, menos o padre, o qual tinha desejos carnis por ele (mas nunca o revelara);
- Adriano Mourão e Alfredo: executavam os serviços de seu chefe e eram complacentes com seus crimes;
- Marta Montiel – era a única que não transgredia os mandamentos da Igreja.

Normalmente, em busca de interesses pessoais, era comum a burla aos preceitos éticos e morais que se faziam presentes naquela sociedade religiosa. Frequentemente, os personagens deixavam de praticar as lições e as regras recomendadas pelo meio católico ao qual estavam integrados.

### 3.2 Entre a ética e a moral

A moral envolve os costumes sociais, geralmente é considerada uma forma de submissão a um determinado valor. É algo que faz parte do segmento de ser obediente às normas, estar seguindo as leis estabelecidas pela sociedade. É um conjunto de regras e normas de vivência pré-estabelecidas e consideradas válidas a um povo. Então, identifica-se como algo aceito e definido por algum grupo humano durante determinado momento.

A ética envolve os bons costumes, tudo aquilo que é de bom caráter. Faz parte dos valores universais, é um conjunto de ações que nos orientam a seguir um determinado caminho que está em encontro com os princípios sociais. Não é apenas

a condição de um indivíduo saber fazer algo, mas a questão de querer fazer o que é correto.

É comum confundirmos os dois conceitos, designando a ambos como um conjunto de ações obrigatórias, aja vista que surgem do mesmo radical. Klinger (2014, p.32) explica que:

Isso acontece legitimamente, uma vez que “ética” se origina do grego *ethos*, conjunto de costumes, hábitos e valores de uma cultura, e que os romanos traduziram por *mos, moris*, de onde vem a palavra “moral”. De maneira que historicamente, ética e moral podem ser consideradas equivalentes. E, no entanto, hoje em dia há uma grande valorização da ética em detrimento da ideia de moral, que remete a moralismo, à normatização dogmática e de suspeita de legitimidade.

Como resultado, para muitas pessoas os termos acabam se equivalendo. Além disso, esses conceitos tratam de uma questão filosófica, científica e teológica sobre as tradições e atos dos seres humanos. Como nos fala Deleuze (1992), a moral está inserida em um conjunto de regras impostas em uma determinada sociedade, que visa fazer um julgamento sobre as ações e atitudes, analisando se elas são consideradas certas ou erradas, por isso fazendo referência a questões transcendentais, se está agindo de forma correta ou não. Por sua vez, a ética abarca um segmento de normas opcionais, que analisa as nossas ações, além do que falamos por intermédio do que isso implicará a sociedade.

Nas múltiplas experiências diárias, encontramos diversas situações em que somos obrigados a seguir normas e chamados a tomar decisões que influenciarão no nosso meio. Explicando isso, Gonçalo (2010, p.113) diz:

[...] o sujeito do comportamento moral tem que ser, antes de tudo, responsável pelos seus atos e livre para tomar decisões; é nisso que reside a essência do ato moral. Contudo, o homem no seu comportamento prático-moral não fica limitado a agir e tomar decisões; ele também reflete sobre as suas ações, decisões e julgamentos. Desta forma acaba exercitando a dimensão ética do seu comportamento.

Normalmente, a ética acaba recebendo uma maior valorização em relação à ideia de moral, pois esta última está associada ao preceito de moralismo, a um dogmatismo moralista. Em relação a isso, Foulcault (1998 apud KLINGER, 2014, p. 32) entende a moral como um conjunto de regras e ações que são estabelecidas aos indivíduos, por meio de vários aparelhos, seja na família, nas instituições

educativas, etc. Já a ética é uma opção interna feita pelo ser humano que busca fugir dessa imposição de sujeição a essas regras. Ela coloca ao indivíduo a implicação de querer viver uma vida que vale apenas ser vivida. Isso, partindo de indagações, por exemplo: “que vida eu quero viver?”.

Com base em inúmeras percepções, a escritora Klinger (2014) se apega as concepções de Espinoza sobre a ética e a moral, ao afirmar que para ele a verdadeira diferença entre os dois conceitos está numa ideia de imanência e transcendência. Ela pega a visão desse filósofo e ainda ressalta que Nietzsche pensa do mesmo jeito, a respeito que de não existe a ideia de bem e mal, mas de bom e mau.

A sociedade altamente católica retratada em “A Madona de Cedro” está muito apegada à ética e a moral de sua Igreja, onde esses segmentos trazem parte dos “bons costumes” locais. No entanto, as ações dos personagens principais são sempre voltadas às transgressões dessas virtudes. Eles conheciam os padrões considerados corretos pela sociedade, mesmo assim, não deixavam de partir para o caminho errado. Sobre isso, discorre Valls (1994, p.47):

[...] na massificação atual, a maioria hoje talvez já não se comporte mais eticamente, pois não vive imoral, mas amoralmente. Os meios de comunicação de massa, as ideologias, os aparatos econômicos e do Estado, já não permitam mais a existência de sujeitos livres, de cidadãos conscientes e participantes, do consciências com capacidade julgadora.

Notamos que os personagens Alfredo e Juca Vilanova, respectivamente subordinado e patrão, não tinham mais nenhuma consideração pelos preceitos morais impostos no seu meio social. Eles tinham banalizado os códigos morais ao seu redor, tornaram-se indiferentes à moralidade. Planejavam, praticavam e desenvolviam diversos crimes, sem o menor pudor. Do mesmo modo, Pedro Sacristão não deixava nada a desejar. Matou uma mulher e não considerou o seu ato algo negativo. Em uma de suas falas, Sacristão explica que, “Não foi crime, não acha, meu senhor? [...] Imagine se todo cachorro sarnento que a gente pega na rua para dar um resto de comida cismasse de dormir na cama da gente para o resto da vida?” (CALLADO, 2006, p.152).

Em contrapartida, a personagem Marta Mortiel se mostrava o oposto destes seres, pois ela vivia uma vida completamente regrada moralmente. Isto pode ser

atestado, quando observamos que ela era muito católica, temente a Deus, era uma boa mãe e não apreciava que o seu marido ficasse andando como amigos de índole duvidosa.

A abordagem sobre a ética e moral requer uma reflexão sobre a liberdade, na medida em que nos fazem lembrar dos meios normativos e das nossas responsabilidades. Considera-se que, “não tem sentido falar de norma ou de responsabilidade se a gente não parte da suposição de que o homem é realmente livre, ou pode sê-lo” (VALLS, 1994, p.48). As normas nos regram no nosso modo de agir, mas na medida em que somos regradados a seguir de uma alguma maneira, podemos justamente fazer o contrário. Do mesmo modo que podemos obedecer, temos a capacidade de desobediência.

Ora, o personagem principal da narrativa (Delfino) rompe com as responsabilidades que possui no seu meio comunitário, quando deixa de conseguir o dinheiro que precisava para seu casamento por meios legais e resolve roubar, resolvendo assim sua condição financeira e amorosa. É verificado que o seu objetivo tinha apenas cunho particular. Nesta perspectiva, ele desconsidera uma conduta social de enaltecimento do esforço na atividade trabalhista para se conseguir algo. Lembremos que, “É importante frisar que a valorização do trabalho como fonte de dignidade é condição fundamental para o exercício da cidadania” (GONÇALO, 2010, p.113), tendo em vista que o trabalho nos dá condições de termos nossos bens materiais e de consumo, além de saciarmos nossas necessidades básicas.

Como forma de compreender tudo o que há a sua volta, os seres humanos passaram a atribuir um conjunto de significados aos elementos que lhe cercam. Desde a infância, eles são postos no meio social e ensinados a observar e a analisar a realidade que os envolvem, mas não obstante, adquirem a capacidade de se posicionar de forma crítica em relação a ela, atribuindo-lhe valores, que podem ou não ser positivos. “Frente a esse relacionamento com o mundo e as coisas que o envolvem, foram criados os valores como referência para as atitudes, escolhas, preferências e decisões ocorridas no âmbito da cultura e das relações sociais” (GONÇALO, 2010, p.115). Tudo que está ao redor das pessoas, passou a ter significação e expressão.

Retornemos ao personagem Delfino Montiel. Antes de roubar a imagem de Nossa Senhora da Conceição, ele tentou impor a esse ato uma pré-condição de que já estava “determinado” pela casualidade da vida. Valls (1994, p.49) explica, “Há

muitas formas de determinismo. Por exemplo: o fatalismo: tudo o que acontece, tinha de acontecer”. Porém, esse determinismo não pode ser total, se não seria impossível haver a ética. Porque esta se relaciona as atividades humanas, se elas fossem determinadas em todos os segmentos, não deixaria espaços para a liberdade ou autoescolha.

No decorrer da história, percebemos que os valores morais e éticos não se perdem totalmente de sua personalidade. Após praticar seu ato abominável, passa a infligir um julgamento pessoal sobre o seu eu. Com a sua conduta considerada desviada, passou a sentir em diversos momentos vergonha do que realizou. Tentando explicar esse sentimento, La Taille (2002, p.17) recorre a diferentes fontes:

O conceito de vergonha recobre um campo de significados bastante amplo e rico. Para o Dicionário Aurélio, por exemplo, vergonha significa: a) desonra humilhante; opróbrio, ignonímia; b) sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; c) sentimento de insegurança provocada pelo medo do ridículo, por escrúpulos. etc.; timidez, acanhamento; d) sentimento da própria dignidade, brio, honra. O dicionário Larousse traz aproximadamente as mesmas definições, mas acrescenta novas associações como: medo da desonra e embaraço.

Este sentimento justamente surge do julgamento que uma determinada pessoa faz sobre o seu eu. É o resultado de uma lei exterior sobre a sua consciência moral. A vergonha é associada ao medo do constrangimento e da humilhação.

A partir do momento em que um indivíduo está sendo objeto de análise de outra pessoa e fica ciente disso, de estar sobre o domínio de outra pessoa e estar sendo submetido a uma posição inferior em detrimento dos demais seres humanos, passa-se a sentir sentimentos ruins. Para Harkot-De-La-Taille (1999 apud LA TAILLE, 2002, p. 18) a vergonha só aparece quando dois elementos estão juntos, a inferioridade e a exposição. Sem algum desses dois, a vergonha não desabrocha. No entanto, o nosso personagem Delfino Montiel sentia que o seu segredo podia ser revelado e por meio do medo já sentia esse sentimento de vergonha, antes mesmo das pessoas que ele amava descobrirem o que fez.

As pessoas que roubam em necessidade extrema, não roubariam em uma situação diferente, ao contrário daqueles que roubam por ausência de honestidade. A ação que o personagem principal Delfino realizou era de natureza real necessário para ele, até certo ponto, pois tinha medo que se não conseguisse arrecadar o

dinheiro necessário para o seu casamento, a um curto prazo, poderia ser abandonado ou trocado por outro indivíduo.

Ele tinha firmado o noivado com os pais da moça que amava, o seu casamento estava previsto para um dia ocorrer. A sua ação do roubo foi para garantir uma maior estabilidade financeira e para acelerar os tramites do seu matrimônio. Mesmo assim, ele não deixou de eximir seu sentimento de vergonha frente as suas escolhas. La Taille (2002, p.21) fala que, “Quem experimenta a vergonha não julga tanto sua ação, mas sobretudo sua qualidade enquanto pessoa”. Não obstante, a vergonha é interligada com as responsabilidades morais que recaem sobre a consciência do indivíduo.

Em certos momentos, Delfino Montiel se desvirtuou das regras católicas presentes no seu meio comunitário. Isso ocorreu, especialmente, quando ele começou a cometer os seus roubos. Em seguida, passou a conviver com o sentimento de vergonha, culpa e arrependimento. Nesse caso, percebe-se que não havia um exercício de neutralidade à moral católica, pois ainda eram levados em consideração os preceitos morais daquela sociedade.

#### **4 OS VALORES CRISTÃOS COMO INTERCESSORES SOCIAIS**

A narrativa de “A Madona de Cedro” envolve o contexto cultural e religioso de Minas Gerais durante o século XX, onde são retratados os monumentos da arte barroca e a doutrina imposta pelo catolicismo. A religião está fortemente ligada com o mundo social. Não é à toa, que a questão dos problemas de corrupção humana e crise existencial são intimamente entrelaçadas a idealização do pecado.

As populações cristãs creem em um Deus que ocupa um plano superior, e que regra a sociedade. Como diz Francalossi (2009, p.51), “O cristão quer redimir-se da vida através de um deus. É “bom” porque precisa livrar-se de seus “pecados” a da “culpa” impostos pela moralidade que adquiriu [...]”. Afinal, os pecados são causadores de sofrimento e passíveis de possíveis castigos, por isso é preciso se livrar de todos eles. A moral é um juízo de Deus, mas a ética vai além desse juízo. De acordo com Valls (1994, p.33):

[...] quando o homem se pergunta como deve agir, não pode mais satisfazer-se com a resposta que manda agir de acordo com a natureza, mas deve adotar uma nova posição que manda agir de

acordo com a vontade do Deus pessoal. Para que isto seja praticamente viável, torna-se necessário conhecer a vontade deste Deus pessoal.

Para os cristãos, o amor mostrado por Jesus Cristo na cruz tem que ser retribuído, por isso os praticantes dessa religião tentam seguir um grau de santidade que os coloque mais próximo do seu Deus pessoal.

Deste modo não só é implicada uma questão teórica, mas uma forma educacional e de aperfeiçoamento pessoal de cada indivíduo. Frédéric Gros (2008, p.127) diz que “o sujeito é um ser modificável. Transformável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através dos exercícios, das práticas, das técnicas, etc.”. É um sujeito que passa a conhecer a si mesmo para poder se organizar e se autoconstruir, moldando seus comportamentos e atitudes.

Observando as palavras de Foucault, Gros (2008, p.132) aborda que “o cuidado de si introduz entre o sujeito e o mundo uma certa distância, mas essa distância é precisamente constitutiva da ação”. Essa distância impede a precipitação, exige reflexão e mostra quais são os deveres a seguir seguidos. Faz o cidadão agir conforme as circunstâncias e não apenas com urgência.

Gros (2008) relata que o cuidado de si não exclui o “outro”, pois não está baseado em uma relação solitária, e sim, em uma volumosa interação coletiva. Esse discurso não é pautado em uma moral individualista, está ligado ao tecido social e político do meio comunitário e institucional. Liga-se ao acompanhamento de alguém mais experiente, que perpassasse os ensinamentos da ordem social ao indivíduo mais jovem. No entanto, é de costume o desprezo do ser humano a esse cuidado ético e começar a assumir seu lado egoísta.

No livro “A Madona de Cedro”, há uma quebra de muitos preceitos éticos do catolicismo: existe um padre que é descrente em relação ao Senhor. Sobre ele, podemos afirmar que o seu pensamento estava desviado dos reais propósitos ao qual a sua profissão o designava. Callado (2006, p.44) narra que, “[...] a ideia de morte já lhe era indiferente, agora que não tinha mais planos. Ele devia, devia ter ido para o interior do país catequizar os índios.”; O outro personagem que desrespeita os valores comunitários é Delfino Montiel. Ele, por meio da corrupção humana, rouba a imagem de uma santa em troca de dinheiro. Depois fica se culpando porque

não consegue mais se confessar. Além disso, tempos mais tarde ele é persuadido a realizar um novo roubo.

Contudo, são inúmeras as transgressões cometidas pelos seres fictícios criados por Callado nesta obra, perante a sociedade cristã que é abordada no livro. Nota-se que alguns princípios sociais daquele grupo foram ignorados. Em relação a isso, observa-se que o transcorrer da narrativa é voltada para ocasiões que ora estão de acordo e ora contrariam a moral e a ética do mundo cristão.

De acordo com o cristianismo, o ser humano tem liberdade de escolha sobre suas ações, as suas opções são feitas sobre o entendimento do correto e do errado. Este pensamento está simbolizado na ideia do livre-arbítrio, que se encontra presente no livro sagrado do povo cristão, a Bíblia. Segundo Gaarder, Hellern e Notaker (2000, p.155), “Uma das ideias fundamentais da Bíblia é que o homem é responsável por suas ações. O homem é capaz de ir contra a vontade de Deus”. As transgressões as normas católicas eram feitas de maneira consciente e por vontade própria. Falando nisso, Chauí (2000, p.389) diz que:

[...] a falta nasce da liberdade do agente, que, conhecendo o bem e o mal (a lei divina), transgride consciente e voluntariamente o decreto de Deus. Sem dúvida, para o cristianismo, a falta é um problema teológico insolúvel, pois o Deus cristão é onipotente e onisciente, sabendo tudo desde a eternidade e, portanto, conhecendo previamente o pecador.

Para o agente pecador<sup>3</sup>, receber a graça do perdão é preciso passar por um processo de arrependimento. É um rito padrão nas sociedades que se autointitulam cristãs, sem ele o seu espírito não terá misericórdia.

A Igreja Católica considera o “pecado” como sendo qualquer violação a um dos seus preceitos religiosos. Quando ocorre uma transgressão a uma de suas regras, tem ainda que se passar por um processo privilegiado de justiça, em que as punições sagradas não só serão exercidas no corpo e nas atitudes dos seus fiéis, mas também na região interior do ser humano, na alma. Falando sobre as práticas do catolicismo, Chauí (2000, p. 392) esclarece que, é “por meio da confissão das faltas ou dos pecados, feita perante o sacerdote que tem o poder para perdoar ou absolver, mediante o arrependimento do pecador e das penitências que lhe são impostas”. O código ético religioso católico implica uma base dos tipos de pecados,

---

<sup>3</sup> Pessoa que viola, que é desobediente a qualquer norma ou preceito religioso

as maneiras e atitudes pecaminosas, que danos o pecador trouxe aos demais e quais são as penitências que tem de ser realizadas para se livrar do pecado.

Relembrando o caso de Delfino, vemos que ele a todo o momento pensa em se confessar com o Padre Estêvão, antes que toda a sociedade descobrisse o seu ato e o julgasse. Gaarder, Hellern e Notakerdom (2000, p. 201-202) abordam isso:

O sacramento da penitência consiste em confissão, absolvição e atos de contrição. Na confissão os pecados são relatados a um padre, que concede o perdão (absolvição) ao contrito. Isto não significa que seja o padre quem o está perdoadando; ele simplesmente lhe transmite o perdão de Deus. Para que esse sacramento seja válido, o penitente deve sentir remorso e intenção sincera de não voltar a cometer o pecado. O padre estipula atos de contrição, que em épocas antigas eram muito severos. Hoje, incluem orações, jejum ou esmolas por caridade.

O personagem Delfino faz um exame de consciência sobre sua ação, mas não passa inicialmente pelo ritual de confissão ao padre. Ele não expôs aquilo que afligia sua alma, para receber a misericórdia divina a partir de uma punição, uma pena a seguir. Quando sua mulher descobre tudo o que fez, ela até o ridiculariza, dizendo como é que ele pagaria aquele pecado: “Com alguma penitência das três aves-marias e três padre-nossos?” (CALLADO, 2006, p.195). Ela quis dizer, que a sua penitência seria pequena demais para o que ele tinha cometido.

No entanto, a pena que a ele foi direcionada no final da narrativa foi árdua e artilosa, sair pelas ruas e escadarias de Congonhas carregando uma cruz em suas costas. Isso expiaria seus pecados. Ele optou por fazer o que o padre lhe pediu, pois como fala Chauí (2000, p.392) “o privilégio judiciário e da violência sagrada é exercido não só sobre o corpo e o comportamento dos fiéis, mas sobretudo sobre as almas”.

Preferiu a partir do seu arrependimento e das suas penitências dar uma volta por cima em suas transgressões. Isso só ocorreu no instante em que fez um autoexame de sua consciência e revelou os segredos de sua alma para receber o perdão divino, que se representa na figura sacerdotal que pune e perdoa.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da análise sobre os princípios éticos e morais que cercam o livro “A Madona de Cedro”, pudemos identificar como os desvios de conduta apresentados

pela maioria dos personagens desta obra literária, representam transgressões aos valores tradicionais difundidos pela religião católica.

Percebemos nas múltiplas ações infratoras cometidas pelos heróis e antagonistas desta trama, algo comum e que desrespeita ao pensamento cristão, a ideia do pecado. As violações dos preceitos religiosos característicos do cristianismo eram os agentes causadores de tormentos na consciência de boa parte um dos seres fictícios criados por Callado em sua obra. Isso ocorria como consequência do medo instaurado pela possibilidade da exposição desses personagens a serem inferiorizados no seu grupo social. Como eles sabiam que haviam infligido as ações consideradas corretas pela sociedade Católica que os cercava, logo o sentimento de culpa acabava por interiorizar dentro deles mesmos.

Observamos o quanto Antonio Callado esteve ligado ao período Modernista da literatura brasileira, em razão das modificações e dos traços que este estilo literário acabou abarcando na primeira metade do século XX. Foi uma época de mudanças em relação à escrita do século anterior, onde foram abandonados antigos padrões estéticos e que foi dado um maior enfoque ao contexto nacional. No entanto, foram necessários alguns anos, para que o movimento modernista tomasse uma real forma e ganhasse destaque nas regiões nordeste e sudeste do país.

Contudo, compreendemos as características singulares e de diferenciação entre os valores éticos e morais, bem como ambas as concepções vão além do campo científico, filosófico e teológico, mas também estão inseridas na literatura. Essas estruturas encontram-se presentes nos meios comunitários e comportamentos de natureza social.

## BETWEEN ETHICS AND MORAL: REFLECTIONS ON THE MADONA OF CEDRO BY ANTONIO CALLADO

### ABSTRACT

The Moral constitutes a set of rules and actions that are established in the community, which aims to make a judgment about the attitudes of each individual. Therefore, an ethic is a personal option made by the human being, which makes him reflect on how to live life in accordance to social principles. This article aimed to analyse how moral and ethical values are inserted in the book "The Madona of Cedro" by Antonio Callado, in which the actors in the leading roles of this romance story used transgression the teaching that is transmitted by Catholicism. From the observation of the psychological aspects of some characters, we identified that after performing their everyday actions, they began to make an examination of their conscience that led them to have several negative feelings. From this analysis we realized that the violations of Catholic religious precepts caused torments with the judgment of the fictitious characters created by Callado. This happens because the sense of guilt begins to interiorize within us, as we are exposed to the fear of inferiority and exposure.

**Keywords:** Moral and ethic values. Literature. Catholicism.

### REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cutrix, 2006.

CALLADO, Antonio. **A Madona de Cedro**. São Paulo: Códice, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira: (Resumo para principiantes)**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio; CASTELO; Aderaldo J. **Presença da literatura brasileira: história e crítica**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 448p.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

FANINI, Ângela M. R. **O trabalho do intelectual na produção romanesca de antonio callado**: a associação e a contradição entre a arte e a vida.

FRACALOSSI, Ivanilde. **Transcendência imanente**: uma relação entre Nietzsche e Homero. Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche . Vol.2 – nº1 – p.49-58.

GARDEN, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GONÇALO, Edinaldo Tibúrcio. **Os Valores Como Fundamento Ético do Agir Humano**. Rio Grande do Norte: Revista Contexto. v.3, n.3, p. 111 – 124. jan-jul/2008.

GRASSI, Bruna S. S. **Assunção de Salviano, A Madona de Cedro e Quarup**: uma leitura dos romances iniciais de Antonio Callado. Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UNIPAM, 2012, p.50-63.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In:\_\_\_\_. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KLINGER, Diana. **Literatura e ética**: da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, formato epub.

LA TAILLE, Yves de. **O Sentimento de Vergonha e suas Relações com a Moralidade**. Psicologia: reflexão e crítica, São Paulo, 2002, 13-25.

MASSI, Fernanda. **O Romance Policial do século XXI**: manutenção, transgressão e inovação de gênero. São Paulo: Cultura acadêmica, 2011.

PEREIRA, Eva. **Entrevista: Antônio Callado**. Revista Cerrados, Brasília, v. 2, nº 2, p. 97-105, maio de 1993.

VALLS, Alvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, n. 177).